



ÉTICA, PSICOPEDAGOGIA E AS INCUMBÊNCIAS DO PSICOPEDAGOGO
ETHICS, PSYCHOPEDAGOGY AND THE INCUMBÊNCIAS DO
PSICOPEDAGOGO

CRIZEL, Fabiane Laranjo¹

RESUMO

Este artigo visa debater e abranger conceitos, reflexões e argumentos em conjunturas da Psicopedagogia, ansiando gerar explicações da realidade dos Psicopedagogos adjacente às bases da Psicopedagogia Clínica e Institucional. Efetuou-se, deste modo, uma investigação qualitativa, procurando o significado, a direção e a celebração das vivências educacionais e formativas, considerando o caráter ético da Psicopedagogia e as incumbências atribuídas ao Psicopedagogo. Adotando este movimento, vislumbrou-se os lugares e a urgência da Psicopedagogia na formação docente. Logo, ratificou-se a urgência de os fundamentos da Psicopedagogia Clínica e Institucional estarem presentes na formação docente, com o intuito de que a educação ocorra plenamente e com o intuito de se compreender a vida, vivências e sociedades, as interpretar e ter a consciência de que é possível transformá-las, em conjunto.

Palavras-chave: Ética. Psicopedagogia. Psicopedagogo.

ABSTRACT

This article aims to debate and cover concepts, reflections and arguments in psychopedagogy conjunctures, aiming to generate explanations of the reality of psychopedagogues adjacent to the bases of Clinical and Institutional Psychopedagogy. Thus, a qualitative investigation was carried out, seeking the meaning, direction and celebration of educational and formative experiences, considering the ethical character of Psychopedagogy and the tasks attributed to the Psychopedagogue. Adopting this movement, we glimpsed the places and urgency of Psychopedagogy in teacher education. Therefore, the urgency of the foundations of Clinical and Institutional Psychopedagogy was ratified, with the intention of teaching and in order to understand life, experiences and societies, interpret them and be aware that it is possible to transform them together.

Keywords: Ethics. Psychopedagogy. Psychopedagogist.

¹ Graduada em Letras Português/Espanhol e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

1 INTRODUÇÃO

Abordaremos neste artigo a Psicopedagogia, campo de ciência e pesquisa na atuação interdisciplinar, voltada para os procedimentos de ensino-aprendizagem, a qual integra a análise e a intervenção em situações referentes a esses processos no plano individual, grupal e institucional, sempre tendo a ética como base atuante do Psicopedagogo.

O ser humano aprende de modos distintos, uns de maneira rápida, outros de forma mais lenta, por exemplo alguns são auditivos, outros mais visuais. Por que alguns aprendem e outros não?

A Psicopedagogia vem da urgência de compreendermos o esquema educacional de um modo interdisciplinar, procurando basear-se na Pedagogia, na Psicologia e em distintas esferas de ação.

É vital considerarmos e analisarmos o cenário no qual é desenvolvido o aprender; percebermos problemas que emergem da e na interação social ligadas ao ser aprendiz; com intuito de compreendermos o que intervêm nos problemas, visando alternativas de ação para uma mudança significativa nas posturas frente ao ensinar e ao aprender. Logo, é mister reconhecermos essa ciência como parte integrante das várias vertentes dos saberes da Educação e da Saúde, para garantirmos uma postura socialmente comprometida com o real estado de nosso país.

Há 30 anos, surgiram grupos de estudos sobre a aprendizagem e o sistema de educação no Brasil. Os cursos no ramo da Psicopedagogia tiveram início depois de 1970, todavia é depois de 1990 que tiveram sua expansão.

Na Assembleia Geral, no III Congresso Brasileiro de Psicopedagogia, foi aprovado o Código de Ética, o qual demarca a Psicopedagogia como área de atuação em saúde-educação que se relaciona com a aprendizagem humana, sendo de natureza interdisciplinar e o trabalho podendo se dar na clínica ou instituição, de modo preventivo e/ou remediativo. Ao Psicopedagogo é dada a incumbência não por obrigação, mas por direito, de seguir esse código.

2 A PSICOPEDAGOGIA

A Psicopedagogia é responsável pelo estudo da aprendizagem humana, tendo por objetivo compreendê-la não somente no ambiente escolar, mas considerando os aspectos: cognitivo, afetivo, social e ao longo da vida. É a área do saber que trata do sujeito aprendente, visando conter a falha e trazer facilidade à aprendizagem.

A Psicopedagogia busca compreender os complexos e múltiplos fatores envolvidos no aprender humano. Tal afirmação urge agrupar saberes de várias áreas como a Psicologia, Pedagogia, Medicina, Fonoaudiologia e outras. Portanto, recebe influências de vários ramos.

Segundo Assmann (1998), a transdisciplinaridade não visa tirar o valor devido às disciplinas específicas e, sim, melhorar e ampliar o conhecimento em todas. Somente uma área de saber não seria suficiente para abordar a complexidade da questão da aprendizagem, pois cada indivíduo possui um modo e um esquema único de aprender. A Psicopedagogia, associada a outras vertentes de conhecimento, está comprometida em resolver problemas e melhorar essas condições.

A Psicopedagogia não se trata, como muitos podem pensar, de uma associação da Psicologia com a Pedagogia, ela se dispõe a investigar e trazer resolução aos problemas referentes à aprendizagem, através de uma interação com o conhecimento das demais áreas.

Quando se fala em dificuldade nem sempre esta palavra está relacionada ao discente, pois esse distúrbio pode ocorrer na metodologia ou no ambiente sociocultural, onde ele está inserido. Então, o profissional formado em Psicopedagogia vai ajudar na resolução do problema. A sua área de atuação é variada: podendo se dar de modo exclusivo na escola, operando com os professores, observando a metodologia utilizada ou buscando colaborar. Uma vez que se apresente uma dificuldade, cabe a essa profissional orientar o docente sobre como trabalhar com esse discente, contribuindo para essa melhoria.

Existe, também, os psicopedagogos hospitalares, esse profissional é requisitado quando a criança, pelo fato de não poder sair do hospital, necessita receber atendimento nesse ambiente.

Além dessas duas classes citadas, o Psicopedagogo poderá trabalhar na área clínica (consultórios) realizando atendimentos individuais e, ainda, na empresarial

(organizacional) contribuindo na resolução de problemas no tocante ao trabalho em grupo e de convívio.

3 EVOLUÇÃO HISTÓRICA

O início da Psicopedagogia remonta à Europa (século XIX) e, segundo Bossa (2000), as aproximações entre a Medicina, a Psicologia, a Psicanálise e a Pedagogia ocorreram na França, já que ali constavam os documentos de Janine Mery, os quais traziam afirmações sobre a “Psicopedagogia Curativa”, termo cunhado para se definir a ação terapêutica sobre indivíduos que possuíam certas dificuldades, se comparados com os demais, com relação às aprendizagens da escola. Ali, está depositado, ainda, o que foi produzido por Mauco, o qual fundou o centro médico psicopedagógico na França. Os ideários franceses inspiraram o ato psicopedagógico argentino, fazendo emergir vultos como Sara Paín, Alícia Fernandez e Jorge Visca, que acabaram por influenciar a prática no Brasil.

Aliás, é importante enfatizarmos que, no Brasil, o pesquisar sobre a Psicopedagogia ocorre há 30 anos e, de modo inicial, dedicou-se à investigação, através de grupos de estudos, os quais visavam o refletir sobre a práxis educacional. Nos anos posteriores a 1970, começaram a ser ofertados os cursos de Psicopedagogia e depois de 1990 eles se espalharam pelo Brasil, principalmente pela região Sul e Sudeste. Neste movimento, a luta pela ampliação do acesso e da qualidade da educação das pessoas portadoras de deficiência culminou, no início de 1990, com a proposta de Educação Inclusiva, hoje amparada e fomentada pela legislação em vigor, e determinante das políticas públicas educacionais a nível federal, estadual e municipal (FERREIRA & GLAT, 2003).

Frente à necessidade de encontrar soluções imediatas para o Direito de todos à Educação, surgem estratégias como as adequações e adaptações uma vez que os ambientes, recursos, propostas e atividades devem ser acessíveis e atender as necessidades específicas dos estudantes assim proporcionando o direito à igualdade de oportunidades, o que não significa um “modo igual” de educar a todos.

Com a criação de um grupo de estudos, que reuniu profissionais preocupados com distúrbios de aprendizagem, a ABPp (Associação Brasileira de Psicopedagogia) iniciou-se e começou a buscar o reconhecimento da profissão. Esta tornou-se a APp (Associação Paulista de Psicopedagogia) e, em 1980, ganhou vulto nacional.

Foi o então Deputado Federal Barbosa Neto, que atendendo ao clamor de algumas psicopedagogas, criou o Projeto de Lei nº. 3124/97, o qual dispunha sobre a regulamentação profissional do Psicopedagogo, gerava os Conselhos Regionais de Psicopedagogia e determinava outras providências. Este projeto foi encaminhado à Comissão de Trabalho no dia 15/5/97 e aprovado por ela no dia 3/9/97. Após esta aprovação este Projeto de Lei foi encaminhado à Comissão de Educação, Cultura e Desporto onde permaneceu por quatro anos e foi aprovado, com algumas emendas, somente no dia 12/9/01.

4 INCUMBÊNCIAS DO PSICOPEDAGOGO

Ao Psicopedagogo, primeiramente, é dada a missão de firmar um elo positivo com aquele que irá atender, intentando propiciar com que seja resgatado o prazer pelo aprender. Ele trata da atividade terapêutica focada na aprendizagem, porém levando em consideração o aprendiz na sua totalidade, ou seja, incluindo o meio em que habita e os seus processos relacionais.

Logo, o Psicopedagogo tece diagnósticos e faz intervenções imparciais, despidas de preconceito, tendo uma escuta atenta e um olhar ampliado, indo além do que parece estar evidente, sendo que, na maioria dos casos, nota-se o que já foi percebido e mencionado por alguém do âmbito escolar ou familiar.

Barone (1987) afirma que cabe ao Psicopedagogo propiciar que o aluno possa retornar normalmente à sua jornada na escola, observando seu potencial e seus desejos. É mister destacarmos que o Psicopedagogo não realiza um trabalho solitário, ao contrário, age conjuntamente com profissionais como: Neurologistas, Psiquiatras, Fonoaudiólogos, Psicólogos, entre outros.

Conforme Paín (1992, p.74): “o tratamento Psicopedagógico é o mais indicado no caso de tratar-se um transtorno de aprendizagem”. Sendo o Psicopedagogo um

profissional tão importante, na escola, torna-se indispensável a sua presença e atuação, auxiliando os alunos nas dificuldades apresentadas.

5 RECURSOS UTILIZADOS EM PSICOPEDAGOGIA

Não existem recursos limitados, nem específicos, utilizados na Psicopedagogia, mas são, geralmente, jogos, atividades de expressão artística, linguagem oral e escrita, dramatização e todo tipo de artifícios que facilitem o desenrolar do aprender com autonomia e prazer.

O Código de Ética da Psicopedagogia, em seu Capítulo I – Dos Princípios – Artigo 1º, declara que o Psicopedagogo pode usar procedimentos advindos da própria Psicopedagogia e de sua área de atuação.

Rubinstein (2000) afirma que o Psicopedagogo pode utilizar como recursos: entrevistar a família; pesquisar a causa da consulta; saber o histórico vital do discente; efetuar anamnese; entrevistar a criança; estabelecer contato com o ambiente escolar, bem como com os demais profissionais que façam atendimento à criança; deixar responsáveis cientes da condição do aluno e daquilo que está sendo realizado como medida de intervenção; encaminhar para demais profissionais, caso seja mister. Deste modo, devemos gerar um lugar de liberdade, respeito e confiança no qual criemos um significado novo e divertido para a ação que iremos efetuar.

Bossa (2000) elenca alguns outros recursos, referindo-se às Provas de Inteligência (WISC); Testes Projetivos; Avaliação perceptomotora (Teste de Bender); Teste de Apercepção Infantil (CAT.); Teste de Apercepção Temática (TAT.); Provas de nível de pensamento (Piaget); Avaliação do nível pedagógico (nível de escolaridade); Desenho da família; Desenho da figura humana; Teste HTP (casa, árvore e pessoa); Testes psicomotores; Lateralidade; Estruturas rítmicas, entre outros. Salientamos que Bossa não restringe a utilização de testes, todavia, alguns deles, como: Wisc, Teste de Bender, CAT, TAT, Testes Projetivos, no Brasil, são exclusivamente realizados por psicólogos.

Assim, é necessário atentarmos para quando o aluno não vai bem na escola, tem dificuldades em aprender, problemas escolares, inquietude, desobediência,

desinteresse, desatenção, agressividade. E, ainda, observarmos se a Orientadora Educacional solicita, de modo constante, a presença dos responsáveis no ambiente escolar e se a professora pede ajuda, pois quando esse pedido de auxílio está ligado à aprendizagem, é necessário procurar um Psicopedagogo.

6 A PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL

É função do Psicopedagogo, quando se encontra em uma instituição, investigar o que interrompe a aprendizagem do aluno, o progresso do saber, a atitude das lideranças e dos liderados e, ainda, deve pesquisar as causas do fracasso organizacional.

Uma organização, ao contratar um psicopedagogo, pretende que ele dê assistência a clientela, gerando avanço no seu potencial, no campo da eficiência e introdução da tecnologia, ou seja, aperfeiçoando os laços relacionais das pessoas. E, intervém tendo por base o processo histórico desta organização institucional, bem como a dinâmica atual dela.

Nesse prisma, a Psicopedagogia auxilia dedicando-se em fazer com que a instituição vivencie, através dos funcionários, o cotidiano e note o quão importante é o seu labor, o qual propicia que ela permaneça viva e saudável, focando nas relações que envolvem o aprender.

A ação Psicopedagógica Institucional possui quatro passos:

1. Identificação do Problema (Diagnóstico Psicopedagógico);
2. Caracterização da Organização;
3. Intervenção;
4. Integração.

Outra possível atuação do Psicopedagogo pode se dar em escolas, como Assessor Psicopedagógico, apontando para a ampliação do alcance da competência docente. Na maioria das vezes, a assessoria é usada como um recurso, para ser um retorno às demandas discentes perante déficits na

aprendizagem e, ainda, favorecer a relação ensino/aprendizagem.

7 A BUSCA PELA SIGNIFICAÇÃO DO APRENDER

O Psicopedagogo é o profissional que pode auxiliar a criança a melhor lidar com suas vivências, combater o que lhe frustra e a reparar suas fraquezas. Ainda, é quem pode assessorá-la a notar seus talentos e a apreciar o quão precioso é ser único.

Na atualidade, as dificuldades muito são discutidas, bem como a inclusão, o temido fracasso escolar de alunos e, concomitantemente, se multiplicam distintas descobertas da Neurociência, é mister a relevância da intervenção do psicopedagogo, como modo de significar a aprendizagem.

O Psicopedagogo é apto a trabalhar com a totalidade do processo da aprendizagem humana, ou seja, ensinar/aprender e, através de técnicas diversas, opera tanto com modelos habituais, ou não, do aprender, observando o alcance e interação da escola, família e da sociedade no seu crescimento.

Diversos alunos que falham no processo de aprendizagem são enviados aos consultórios psicopedagógicos e apresentam reclamações, advindas dos educadores e da escola, desconfianças de “deficiências” em uma ou mais funções cognitivas. Na verdade, o sintoma mostrado pelo discente deve ser considerado uma amostragem de algo mais profundo e que está relacionado a alguma coisa mais grave, embora não consciente, ou seja, é algo que é desconhecido pelo próprio aluno.

Segundo Maluf (2009), a fim de estabelecermos um adequado diagnóstico é mister conhecermos o desenvolvimento próprio do aluno. E, ainda, concentrar-nos em especialidades que estão para além daquelas farmacológicas. Com o intuito de que isso ocorra, necessário é que familiares participem, bem como que a instituição educacional se envolva, visando a constituição de laços de afetividade e de modo que se estimule a cognição, tornando essas ações eficazes e que o objetivo final seja alcançado: que o gosto pelo aprender seja resgatado.

8 UM MANANCIAL DE CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

O ato de errar, desde o início da educação, é tido como causador de vergonha escolar. Mesmo com o avançar dos anos, com progressos tecnológicos e distintas alterações, diversos docentes ainda o discutem da mesma forma, ou seja, como sendo o principal gerador do déficit educacional.

É necessário trocar antigos conceitos e rótulos e admitirmos um novo prisma, partindo dos deslizes discentes. Tal fator, de determinado modo, não está sujeitado somente às escolas, mas, ainda, aos alunos e à família. Conforme Luckesi (1998), há um tabu por parte do próprio educando, o qual, de certo modo, possui um juízo que culpabiliza e pune a si, por não conseguir seguir aos outros.

Diversos psicopedagogos fazem do erro seu ponto de partida, pois o consideram como alerta na demanda de ensino-aprendizagem e buscam torná-lo uma ação construtiva para alunos e professores. Por meio da operação psicopedagógica, partimos das distintas hipóteses que trouxeram os educandos a apontarem tal resposta e, só assim, alcançaremos estratégias de auxílio, visando chegar à formulação certa.

É vital o trabalhar do psicopedagogo, pois ele, por meio de técnicas distintas, estará apto a notar as verdadeiras razões de não ocorrer a aprendizagem, assim serão evitados o fracasso e a evasão escolar, os quais podem advir de ações falhas ou avaliações que não condizem com o verdadeiro problema.

Em última instância, deve estar nítido que o foco do Psicopedagogo é a aprendizagem, sendo ela tida como sendo uma situação individual na qual a rota da construção do conhecimento e inclusive os deslizes dos alunos, devem ser valorizados e entendidos como integrantes do todo, ou seja, do resultado. Não esquecendo de buscar o desenvolvimento desse aluno e de trabalhar com ele, visando estimulá-lo como escritor e protagonista de sua vida.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que o cimento da Psicopedagogia consiste em estudar sobre o aprender humano, o qual pode ser constituído através de momentos e tempos. Própria

do humano, a aprendizagem, dá-se em todas as direções, em qualquer lócus e de modo contínuo e, exatamente pelo fato de ter um caráter demasiadamente complexo e amplo, urge a presença de uma pessoa específica, um profissional, empenhado nessa função.

O profissional Psicopedagogo pode colaborar com a complexidade da aprendizagem, estando presente em diferentes instituições, sejam elas de caráter escolar, clínico, hospitalar ou organizacional. Sendo recente no panorama a que faz jus, está forjando sua história através de grandiosas pesquisas as quais mobilizam a teoria e prática, gerando sóbrio compromisso em seu atuar, aliançando-se com distintos campos do saber humano. O aspecto versátil e competente deste importante profissional, por certo, há de ter reconhecimento, sendo ele uma parceria importante na atualidade e, futuramente, no mundo do trabalho.

Entendemos a Psicopedagogia como campo multidisciplinar do conhecimento, por isso, estamos atentos em estudar constantemente e fazendo pesquisa permanente. Tal fator, é indispensável: o Psicopedagogo precisa de um frequente olhar para novos cenários e trilhos, para gerar um espaço objetivo e subjetivo, no qual o sujeito venha a ter uma conduta de autor e autônomo de seu pensar e isso passe a ser, de fato, algo possível.

É neste sentido, o da resignificação de nossos atos e práticas subjetivas, que devemos nos lançar a proporcionar a escuta, um olhar psicopedagógico vinculado à aprendizagem e conhecimento humano, sendo cientes de que não há teoria capaz e suficiente que sacie a totalidade de nossas angústias.

No entanto, somos sabedores de que em nossa prática, temos a incumbência da busca, nas distintas teorias, daquilo que pode nos dar trazer uma base. São, sim, ideias iniciais, uma possível trilha na busca pelo construir: o espaço de interlocução aqui se abre e, assim, permitimo-nos ter a ousadia de autoria e autonomia no pensar. Que venham os diálogos, pois só é possível construir o singular no plural!

Lembramos que o ambiente familiar é aquele que primeiramente apresenta o mundo do conhecimento à criança, já que este não é adquirido somente no âmbito escolar. O primeiro conhecimento que qualquer indivíduo possui antes de ingressar na escola é o conhecimento prévio, ou conhecimento de mundo e este, ao contrário

do escolar, não precisa de regras pré-estabelecidas, ele ocorre naturalmente, através do contato social do indivíduo com o núcleo familiar e destes com o mundo que os cerca.

As dificuldades enfrentadas pelos discentes deficientes, referem-se mais às limitações e deficiências da sociedade e do meio do que às dos próprios discentes. Por exemplo, se o ambiente escolar proporcionar o envolvimento dos alunos em vivências curriculares e extracurriculares dando atenção às suas peculiaridades, ofertando opções pedagógicas que se vinculem às suas demandas, tanto gerais quanto às específicas, estes irão lograr aprendizagem, correspondendo de maneira eficaz ao ensino- aprendizagem.

O modo competitivo, o qual predomina no campo educacional e cultural desde sempre, com aspecto vertical, que incentiva o processo seletivo e de exclusão discente, historicamente reconhecida pelo domínio das propostas curriculares, é que cria a maior resistência à inclusão de pessoas com deficiência. Neste contexto, essas pessoas são consideradas menos capazes para um bom desempenho escolar em razão de atividades propostas numa base da cultura competitiva.

Dentro deste contexto, a função do Psicopedagogo - que se inicia com uma avaliação simples - lhe possibilita conhecer o aluno, inteirando-se de seu posicionamento com relação à aprendizagem, identificando seus impedimentos, portanto sendo imprescindível na busca por sua resolução. Segundo a demanda, ele deve encaminhar o aluno, acompanhado por um relatório detalhado, para atendimento especializado com um Psicopedagogo clínico, pedagogo, psicólogo, terapeuta ou médico especialista, para um diagnóstico mais preciso. De posse deste diagnóstico, deve ele trabalhar em parceria com o(s) profissional(is) especializado(s) na área ou áreas que se fizeram necessárias, buscando a potencialização do indivíduo assistido, auxiliando-o em sua caminhada de superação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação**: rumo à sociedade aprendente. Petrópolis: Vozes, 1998.

BARONE, Leda Maria Codeço. **Considerações a respeito do estabelecimento**

ÉTICA, PSICOPEDAGOGIA E AS INCUMBÊNCIAS DO PSICOPEDAGOGO. AUTOR(A): CRIZEL, FABIANE LARANJO.

da ética do Psicopedagogo. In: SCOZ, Beatriz Judith Lima et alii (Orgs.).
Psicopedagogia: o caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional.
Porto Alegre: Artes Médicas, 1987. v. 1, p. 17-21.

BOSSA, Nadia A. **A Psicopedagogia no Brasil:** contribuições a partir da prática. 2ª
ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CÓDIGO DE ÉTICA E ESTATUTO DA ABPp. Disponível em abpp.com.br. Acesso
em: 14 de julho de 2021.

FERREIRA, J. R. e GLAT, R. **Reformas educacionais pós-LDB: a inclusão do
aluno com necessidades especiais no contexto da municipalização.** In: Souza,
D. B. & Faria, L. C. M. (Org.) Descentralização, municipalização e financiamento da
Educação no Brasil pós-LDB, pg. 372-390. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

PAÍN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem.** 4 ed.
Porto Alegre: Artmed, 1992.

RUBINSTEIN, E. A especificidade do diagnóstico psicopedagógico. In: SISTO, F. F.
et al. (Org.). Atuação psicopedagógica e aprendizagem escolar. 5. ed. Petrópolis:
Vozes, 2000. Cap. 7, p. 127-139.

LUCKESI, Cipriano C. **Prática escolar: do erro como fonte de castigo ao erro
como fonte de virtude.** São Paulo: FTD, 1998.

MALUF, Maria Irene. **A intervenção psicopedagógica como recurso no
tratamento dos distúrbios neurológicos e psiquiátricos.** Revista Direcional
Educador, nº, Julho/2009.